

CLIPPING

13 de Janeiro de 2019
Diário do Pará - Cidade, 08

Belas, feitas em ferro e ajudam a contar a história de Belém

Estruturas que compõem coretos, galpões, chalés e espaços como o Teatro Estação Gasômetro e o Mercado de Carne fazem parte da identidade da capital que chega aos seus 403 anos

CIDADE

Cintia Magno

Os desenhos caprichados em detalhes e em formas vazadas estão presentes em muitos cenários que, ainda hoje, fazem parte da paisagem de Belém. As estruturas em ferro que compõem coretos, quiosques, galpões e protegem as fachadas de tantos prédios históricos são parte da identidade da capital paraense e remetem a um período de grande abundância, que influenciou grandemente a arquitetura da cidade que completa 403 anos de fundação.

Quando se trata da chamada Era do Ferro, o historiador e professor da faculdade de história da Universidade Federal do Pará (UFPA), Aldrin Figueiredo, aponta que o período remete a um padrão arquitetônico internacional que ocorreu em muitas cidades da Ásia e da América. É o caso de Belém. "A história do ferro é mui-



O Mercado de Carne, até hoje, prende o olhar de turistas e dos próprios moradores da cidade pela beleza arquitetônica

FOTO: IRINE ALMEIDA

to forte do século XIX e ela amplia-se na segunda metade. Essa eclosão da arquitetura do ferro ocorre, mais ou menos, entre 1870 e 1920",

contextualiza. "Tem a ver com a abertura do Rio Amazonas à navegação estrangeira em 1866 e, claro, com a riqueza da borracha".

Ainda em 1864, a borracha ultrapassou o cacau enquanto grande produto de exportação. À época, Belém era um dos principais portos por onde

saía a borracha. Então, na região, havia uma grande circulação de recursos. Com famílias abastadas e governantes interessados em investir nes-

se tipo de arquitetura, as estruturas de ferro começaram a ser encomendadas de indústrias localizadas, principalmente, na Inglaterra e na França, mas também na Alemanha. "Nesse período, vinham os catálogos das indústrias e as famílias ricas e governos encomendavam aquele tipo de produto que poderia ser um coreto, um galpão, uma estufa, uma casa...", explica o professor. "Era um sinal de progresso, de pessoas atentas com o que era novo e o que estava na moda".

As peças encomendadas chegavam a Belém em navios. A utilização desse tipo de arquitetura foi tão forte que Belém chegou a desenvolver uma tecnologia especializada para adaptar e montar esses materiais. "Era uma espécie de cultura do detalhe, da decoração e muitas famílias ricas gostavam dessa arquitetura porque ela se adaptava a outros materiais, como uma combinação entre ferro, madeira e alvenaria", diz.